

REGISTRO

MÚSICA E REMINISCÊNCIA:

NOTAS PARA UM CONCERTO EM HOMENAGEM A RUFO HERRERA

*Lá, no mais profundo da emoção humana,
onde não se pode conhecer,
é onde começa a música.*

I Ching - Livro das Mutações, por Rufo Herrera

O ano de 2022 marca algumas efemérides importantes no calendário cultural como o centenário da Semana de Arte Moderna e os cem anos de nascimento do compositor Gilberto Mendes. Nesse contexto, a Fundação de Educação Artística de Belo Horizonte decidiu homenagear os 89 do compositor Rufo Herrera, nascido em 1933. Qualquer marca temporal é mera convenção, “bobagem de contar tempo, de colar números na veste inconsútil do tempo, o inumerável”, conforme escreveu Carlos Drummond de Andrade (1988, p. 814) no poema “Manuel Bandeira faz noventanos”. Daí ser desnecessário uma contagem exata para realizar essa justa homenagem.

Sob a curadoria de Cristina Guimarães e Paulo Sérgio Malheiros, aconteceu no dia 07 de agosto de 2022, na Sala Sergio Magnani, um concerto que reuniu seis obras deste compositor, de diferentes fases de sua produção¹. Excluiu-se, por razões da montagem, obras cênicas e formações instrumentais ampliadas. Embora a amostra seja reduzida é representativa de uma obra volumosa e multifacetada que carece ainda de uma catalogação sistemática².

O COMPOSITOR

Rufo Herrera nasceu em 1933 em um pequeno distrito rural de Córdoba (Argentina). De família campesina e filho de um pai violeiro e *payador*, desde a infância demonstrou aptidão para a música. Aos seis anos foi apresentado ao bandoneón, instrumento típico na música popular argentina que o acompanha até os dias atuais. Transferiu-se para Buenos Aires, onde realizou estudos de bandoneón e violoncelo, trabalhando em orquestras profissionais de tango. Em 1961 percorreu vários países da América Latina realizando pesquisa sobre a música dos povos remanescentes das civilizações originárias do continente. Em 1963 estabeleceu-se em São Paulo desenvolvendo estudos de composição sob a orientação do maestro e compositor Olivier Toni e piano complementar com Marta Cerri. Convidado pelo grupo de compositores da Escola de Música da Universidade Federal da Bahia, transfere-se para Salvador, integrando o movimento

emergente da música contemporânea brasileira. Ali desenvolve, sob orientação do compositor suíço-brasileiro Ernst Widmer, pesquisa e aperfeiçoamento na linguagem musical contemporânea e suas novas técnicas de estruturação, incluindo as multimídias. Em julho de 1976 é convidado por Berenice Menegale, diretora da Fundação de Educação Artística e à época coordenadora dos Festivais de Inverno de Ouro Preto, para ministrar uma oficina de arte integrada que resultaria na criação do Grupo Oficina Multimídia, em 1977. Desde então fixou-se definitivamente na cidade de Belo Horizonte. Em 1992, após um encontro com Astor Piazzolla forma o Quinteto Tempos com o qual gravou três discos. De 1994 a 2019 foi professor na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), onde, junto ao professor Ronaldo Toffolo, fundou a Orquestra Experimental da UFOP, atual Orquestra Ouro Preto. Recebeu os títulos de Doutor Honoris Causa pela UFOP e de Cidadão Honorário, concedido pela Câmara Municipal de Ouro Preto.

A HOMENAGEM

O concerto – quase monográfico –, que colocou em evidência memórias e reminiscências de lugares e situações vividas e imaginadas por Rufo Herrera, incluiu ainda uma obra de Marco Antônio Guimarães e a leitura de um texto de João Guimarães Rosa. Um roteiro com imagens e breves comentários projetados entre cada uma das peças apresentadas foi elaborado pelos autores deste artigo. Embora o repertório escolhido não represente a totalidade de sua trajetória e tampouco tenha sido organizado cronologicamente, apresenta um retrato de algumas facetas da poética do compositor conforme pretendem demonstrar as notas a seguir:

NOTURNO, PARA PIANO E CORDAS (1996)

Intérpretes: Regiany Carlos e Samira Vilaça (violinos), Ciro Quaresma (viola), Clarissa Carvalho (violoncelo), Marcus Gabriel (contrabaixo), Arthur Versiani (piano) e Valdir Claudino (regente).

Neste Noturno as seções são baseadas num princípio de repetição, criando zonas expressivas que se encadeiam sem preocupação em desdobrar uma lógica discursiva evidente. Tal procedimento provoca alterações sutis no fluxo do tempo que tem mais a ver com um tipo de reiteração ritual e com um “despojamento voluntário de materiais” (PARASKEVAÍDIS, 2009, p. 4-5) do que com as repetições de tendência mais mecânica, característico no minimalismo norte americano. Nesse sentido, a peça talvez possa ser identificada como o que a compositora Graciela Paraskevaídis denominou “minimalismo” latino americano, cujo princípio fundamental consiste em “repetições de células de uma maneira não mecânica, enriquecidas sutilmente por elementos como o *ostinato*, comuns aos usados em culturas indígenas e afro americanas (AHARONIÁN, 2003, p. 3).



Fig. 1 - Apresentação da obra "Noturno" para piano e quinteto de cordas. Foto: Guilherme Machala.

IDEOFONIA 1, PARA PIANO, CLARINETA E VIOLONCELO (1982)

Intérpretes: Jefferson de Assis (clarineta), Jayaram Marcio (violoncelo) e Arthur Versiani (piano).

Composta durante o Festival de Inverno em Diamantina, é uma obra móvel. Isso quer dizer que a ordem temporal das estruturas musicais é decidida pelos músicos, no momento da execução. Além da mobilidade e abertura, a obra traz elementos da cultura andina, como um fragmento de poema em quéchua, do escritor peruano José Maria Arguedas:

*A águia
sagrada
ouvirá o som da quena
dos filhos do
sol.*

IDEOFONIA_1. (7-1992)
Teatro instrumental
Para: Piano - Clarineta e Violoncello

Rufo Herrera
sobre um fragmento
poema em quechua
de José M. Arguedas

EXECUÇÃO
Os instrumentistas ouvirão separadamente os elementos sonoros propostos para a estruturação em cada parte do "módulo", e depois do piano, os concertistas passarão a experimentar as possíveis combinações até a montagem de sua própria versão ou versões para cada execução.

PIANO-Módulo A

wayassamin
Intipa
quepañequém
churinkuna kaparisqan-mi.
kaparisqan-mi.

(recitado)
também pode ser falado ao unísono por dois ou pelos três executantes.

Fig. 2 – Fragmento da parte do piano de Ideofonia 1, de Rufo Herrera

Os fragmentos do texto de Arguedas são recitados pelos músicos durante a performance, reforçando o conceito de “teatro instrumental” no qual os elementos musicais atuam como personagens, dialogando e interagindo horizontalmente entre si e com os aspectos cênicos e textuais.



Fig 3. Apresentação da obra “Ideofonia 1” para piano, clarinete e violoncelo. Foto: Guilherme Machala.

ANDINAS NO. 3, PARA VIOLA CAIPIRA (2007)

Intérprete: Celso Faria (violão)

Composta originalmente para viola caipira. Apresenta dois subtítulos: “Puna” e “Monotonia”. O primeiro faz alusão a Puna de Atacama (norte do Chile e Argentina), ambiente presente em outras obras do compositor. O segundo se refere à monotonia do deserto de Atacama, representado pela textura estática e ressonâncias longas dos harmônicos naturais da viola.

SENDA AIMÁRA, PARA FLAUTA E VIOLÃO (2011)

Intérpretes: Alef Caetano (flauta) e Giuliano Coura (violão).

É também uma reminiscência da paisagem sonora andina e uma homenagem ao povo originário, “inspirada em reminiscências do meu convívio com os aimará em 1961”. É composta por três episódios, cada um situado por uma epígrafe que evoca um afeto, um estado de espírito que se transforma ao longo do caminho: o lamento estático e ressoante no altiplano, a descida do serro, mais movimentada, e o encontro para festa, já no vale.

Episódio 1: “Vidála”. *“Puna, silencio y viento, el hérke suena a lamento... algún índio há muerto, algún indio há muerto...”*. Em Puna, no deserto de Atacama, o lamento de uma *herke*, espécie de corneta longa, comunica a morte de um índio.

Episódio 2: Andante moderato - “Chaya”. *“Hoy es domingo de chaya, hemos de bajar el serro... así nomá-y ser, así nomá-y ser...”*. A *Chaya* tem um espírito festivo e também comunica algo, nesse caso a descida do altiplano em lhamas carregadas de milho e batatas, para se reunir em feiras no vale.

Episódio 3: “Huayno” - Allegro moderato. *“En el valle han de bailar y chupar, hasta cair de machaditos... así nomáy ser”*. Já no vale dançam o *huayno*, canto e dança de origem pré-hispânica, posteriormente denominada *carnavalito*, e bebem até cair.

AMBITUS NATURALIS, PARA QUARTETO DE ARCOS (1991)

Intérpretes: Alexandre Kanji (violino), Vitor Dutra (violino), Cleusa Nébias (viola) e Antônio Viola (violoncelo).

Estreada na Bienal de Música Brasileira Contemporânea, no Rio de Janeiro em 1991, essa peça para quarteto de cordas apresenta uma concepção não-tonal com um material diatônico com perturbações cromáticas e mudanças súbitas de textura numa escrita camerística bastante detalhada. Em 1991, ano de composição da peça, o compositor, estabelecido em Belo Horizonte já há 15 anos, talvez considerasse a cidade seu “ambiente natural”.

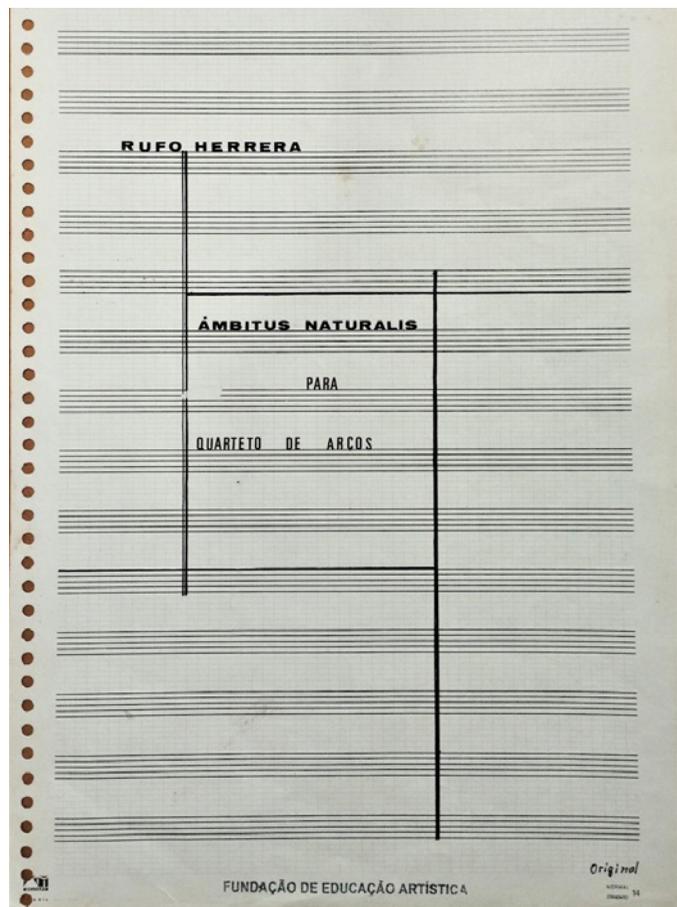


Fig. 4 - Frontispício do manuscrito de Ambitus Naturalis, de Rufo Herrera

LUAR DE AGOSTO, PARA BANDONEÓN SOLO (2015)

Intérprete: Otto Hanriot (bandoneón)

Integrava inicialmente a Suíte Austral, para bandoneón solo, composta por quatro peças que se relacionam a gêneros musicais do sul do continente americano: (1) *Huella*, (2) *Pampeano*, (3) *Seresta* e (4) *Tango*. Ainda que escritas segundo o idiomatismo instrumental próprio do bandoneón essas peças evocam o violão, instrumento no qual seu pai executava milongas tradicionais. “Luar de agosto” seria a quinta peça da suíte, mas acabou sendo separada, passando a ser executada como peça isolada.

A relação de Rufo Herrera com o bandoneón é íntima, profunda e atravessada por um “realismo mágico” que poderíamos pensá-lo como uma perspectiva orientada a partir dos objetos, tal como sugere Timothy Morton (2013, p.23) em seu ensaio “Magia realista: objetos, ontologia e causalidade”. Uma relação de alteridade que acompanhará o compositor desde a infância até os dias atuais, somando oito décadas. É o que Rufo registra no encarte do CD “Bandoneón” gravado em 2002:

Numa noite de julho de 1938, me apareceu o duende. Tinha eu apenas cinco anos e não foi susto nem medo, foi paixão, o que senti ao ouvir o acorde inicial de um velho tango que, fraseando um dialeto de outros mundos, me disse: vem, eu te levarei ao encontro do seu destino (HERRERA, 2002).

E reforça no poema *Bandoneón*:

*mântrico duende barroco-porteño
misteriosos secretos del sonido
que atravesando nieblas
de otros tiempos
penetra el alma de nostalgia
eterna
y se anida en el pecho
de los hombres
com la mística unción que evoca
otras esferas
del universo estelar
en armonias.*



Fig. 5 - *Rufo Herrera e seu bandoneón*, em pintura de Carlos Bracher (2005)

ETERNE, PARA PIANO, DE MARCO ANTÔNIO GUIMARÃES (1976)

Intérprete: Berenice Menegale (piano)

O compositor Marco Antônio Guimarães, também integrante do grupo de compositores da Bahia, é quem apresenta Belo Horizonte a Rufo Herrera. Dentre diversas parcerias, os dois construíram o teatro Heloísa Guimarães, na antiga casa da Fundação de Educação Artística.

Uma textura extremamente despojada apresenta uma espécie de pedal, iniciado com um toque acentuado na nota sol que depois é reiterada em pianíssimo, em lapsos de tempo irregulares e imprecisamente medidos. Sobre esse pedal constante em toda a peça, surgem outros sons: acima, abaixo, próximos, distantes, fortes, suaves. Em bilhete a Berenice Menegale, a quem a peça é dedicada, Marco Antônio Guimarães escreveu: “o ataque inicial determina uma contagem em direção à eternidade. Interferências humanas na continuidade do tempo”. Ideia que se conjuga perfeitamente com o sentido e a própria metáfora dos eventos apresentados neste concerto, possibilitando-nos entrever o pensamento e a sensibilidade do compositor.



Fig. 6 - Berenice Menegale executando “Eterne” de Marco Antônio Guimarães. Foto: Guilherme Machala.

MINAS GERAIS, LEITURA ILUSTRADA DO TEXTO DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

Grupo Oficina Multimedia, direção de Ione Medeiros

Leitura: Jonnatha Horta Fortes, Heloisa Mandareli, Thiago Meira. Edição de vídeo: Henrique Torres Mourão.

EPÍLOGO
CENA 5. 2º Ato

Cena final livre

Matraga: Não faz isso, meu irmão seu Joazinho Bem-bem, que o deus quegado do velho está pedindo em nome de nosso Senhor.
J. B. Bem: Quem falou? Pois não é o penitente do Tombador? O mano velho! Está caçoando da gente?
Matraga: Estou não. Mas o vocês estão querendo fazer é coisa que Deus não manda e nem o diabo não faz!

O Peregrino avança com os braços abertos em direção ao ché de jagunços Joazinho Bem-Bem, e este por sua vez parte ao seu encontro

Fig. 7 – Página do manuscrito de Balada para Matraga, de Rufo Herrera

A obra de Rufo Herrera se relaciona com diversas linguagens artísticas, não apenas em suas obras cênicas como óperas, balés, teatro e trilhas para cinema. Suas criações estão atravessadas por inúmeras referências da literatura e da poesia de autores como José Maria Arguedas, Alejo Carpentier, Juan Rulfo, Jorge Luís Borges, Darcy Ribeiro, Ferreira Gullar, Monteiro Lobato e João Guimarães Rosa, este último de especial predileção do compositor, presente em obras como “Balada para Matraga” (1985) e “Sertão: sertões” (2001).

Por isso, o Grupo Oficina Multimídia realizou a leitura de um texto intitulado “Minas Gerais”, incluído no livro “Ave palavra” para representar a proximidade e a presença de Rufo com o estado que adotou como seu, nos últimos anos:

Aí, plasmado dos paulistas pioneiros, de lusos aferrados, de baianos trazedores de bois, de numerosíssimos judeus manipuladores de ouro, de africanos das estirpes mais finas, negros reais, aproveitados na rica indústria, se fez a criatura que é o mineiro inveterado, o mineiro mineirão, mineiro da gema, com seus males e bens. Sua feição pensativa e parca, a seriedade e interiorização que a montanha induz – compartimentadora, distanciadora, isolante, dificultosa. (...) sua honesta astúcia meandrosa, de regato serrano, de mestres na resistência passiva. Seu vezo inibido, de homens aprisionados nas manhãs nebulosas e noites nevoentas de cidades tristes, entre a religião e a regra coletiva, austeras, homens de alma encapotada, posto que urbanos e polidos. Sua carta de menos. Seu fio de barba. Sua arte de firmeza (ROSA, 1985, p. 271).

Referências bibliográficas

AHARONIÁN, Coriún. An Approach to Compositional Trends in Latin America. *Leonardo Music Journal*, vol.10, 2000, pp. 3-6.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Discurso de primavera. In: *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

COURA, Giuliano. 2021. *Da Puna ao Valle: Percurso da vida e da obra de Rufo Herrera e proposta para uma edição de performance de Senda Aimára*. Dissertação (Mestrado em Música) – Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

HERRERA, Rufo; Orquestra Experimental da UFOP (Interp.). *Bandonéon*. Belo Horizonte: Karmim, 2002. 1 CD. Acompanha encarte.

MORTON, Timothy. *Magia realista: objetos, ontología y causalidad*. Open Humanities Press. Londres, 2020. Versão eletrônica disponível em: <http://www.openhumanitiespress.org/books/titles/magia-realista/>

NOGUEIRA, Ilza. Grupo de compositores da Bahia: implicações culturais e educacionais. *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro, n.1 p. 28-35, janeiro 1999.

PARASKEVAÍDIS, Graciela. 2009. *Conferencia inaugural simposio La otra América*. Versão eletrônica disponível em: http://www.gp-magma.net/es_bio.html- Acesso em 31-8-2020.

ROSA, João Guimarães. Minas Gerais. In: *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985. p. 269-275.

Sites

Site oficial de Rufo Herrera: www.rufoherrera.com

Site da Fundação de Educação Artística: <https://feabh.org.br/>

Notas

- 1 O concerto pode ser assistido em <https://www.youtube.com/channel/UCbk6BbzvpCg8mNDN9t3t0RA>
- 2 A coleção de partituras de compositores latino americanos da biblioteca da Fundação de Educação Artística reúne hoje 53 obras de Rufo Herrera, material que vem sendo catalogado no âmbito do projeto de residência pós doutoral “Labirintos do Sul: abertura, mobilidade e indeterminação na música latino-americana (Brasil, Uruguai e Argentina, 1980 - 2010)” acolhido pelo Programa de Pós graduação em música da UFMG, na linha “Música e cultura” sob supervisão do prof. Dr. Flávio Terrigno Barbeitas.

FRANCISCO CESAR LEANDRO ARAÚJO

Músico, ex-integrante do Grupo Oficina Multimídia
e colaborador da Fundação de Educação Artística.

GUILHERME PAOLIELLO

Professor do curso de música da Universidade Federal de Ouro Preto.